



Academia Galega da Língua Portuguesa

Moncho do Fidalgo, numerário da AGLP com 57 anos de consciência reintegracionista: “é um movimento lento, mas seguro! Não há outra saída”

9 de maio de 2026

O autor da primeira narrativa longa em português da Galiza apresenta *A menina da Ribeira*, o seu oitavo título

Texto: J. Rodrigues Gomes

<https://www.academiagalega.gal/academia/info-atualidade/item/2061-moncho-do-fidalgo%2C-numer%C3%A1rio-da-aglp-com-57-anos-de-consci%C3%A2ncia-reintegracionista-%E2%80%9C%C3%A9-um-movimento-lento%2C-mas-seguro-n%C3%A3o-h%C3%A1-outra-sa%C3%ADda%E2%80%9D.html>

Como "uma novela realista e em partes histórica": assim apresenta [José Ramão Rodrigues Fernandes](#), Moncho do Fidalgo, numerário da Academia Galega da Língua Portuguesa, a sua última obra, intitulada *A menina da Ribeira*. É o oitavo título de quem foi o primeiro autor a publicar narrativa longa em português da Galiza, um percurso iniciado em 1983, segundo salienta um estudo do professor e investigador Francesco Traficante. Outro professor, José Manuel Barbosa, afirma no prólogo deste último livro que o que faz o narrador é “deixar a sua memória pessoal convertida em memória coletiva do nosso povo galego, em memória da nossa língua, da nossa cultura, da nossa civilização e da nossa forma de pensar e de perceber o mundo”. *A menina da Ribeira* teve um lançamento nas *Jornadas de Língua e +*, que foram organizadas pela AGLP no Museu da Límia, em Vilar de Santos, onde o acompanhava Isaac Alonso Estraviz. Moncho do Fidalgo, que profissionalmente se dedica à eletrónica industrial e às telecomunicações, destaca como um ativista cultural, literário e jornalístico e fala-nos nesta entrevista de sua biografia, trajetória e produções. Está na casa dos 70, já reformado, e tem “57 anos de consciência reintegracionista”, afirma.

-Apresenta-se *A menina da Ribeira* como “um romance realista e em parte histórica”: como é isso, que se deve entender por “realismo” e “romance histórico” nesta altura do século XXI?

--Bom, afirmar o realismo do século XXI é o que foca na representação objetiva da realidade. Crua e honesta, destacando questões sociais, desigualdade e vida atuais. O romance histórico,

caracterizar-se-á por uma documentação ou fatos históricos, mesmo para mudar conceitos e revisar acontecimentos. *A menina da Ribeira* enquadra-se nestas duas visões.

-Publica esta narrativa em 2025, quando completa os 70 anos de idade. Parece um trabalho literário de síntese da sua vida, pois nele deparamo-nos com muitos acontecimentos conhecidos da sua biografia e trajetória. É assim?

--Sim, a personagem, Ricardo Aveiro, aparece em todas as minhas novelas e romances.

-Literariamente, também vamos encontrando muitos produtos seus anteriores. *A Divisão Azul*, por exemplo, já estava na sua primeira narrativa, *O Sereno, um guerrilheiro em Estalinegrado*; ou acontecimentos de *Seguindo o caminho do vento*, de relatos já publicados, que agora integra de novo n' *A menina da Ribeira*. Confirma-se assim a conhecida teoria de que sempre um escritor está a escrever e reescrever a mesma obra?

--Poderia dizer-se, o meu subconsciente é livre, não trato de o dominar, vai pela vida tocando a mesma moineira, que, poderia interpretar-se assim, e esta seria a de Chantada... com versões diferentes e até arranjos distintos. Afinal os resultados poderiam ser obras diferentes. Nos meus anos moços estudei no Conservatório de Madrid, ensino livre: estudava numa academia e examinava-me no conservatório, quando ele estava nos baixos do Palácio da Música, em Ópera. Naquela altura não tocava mal o acordeão, mas hoje já não tenho a precisão matemática que tinha. Dizia Arthur Rubinstein que quando não tocava um dia ele notava, quando eram dois dias sem praticar, notava-o o público.

-Outra surpresa é o recurso cervantino de ler uma referência ao processo de composição da narrativa que estamos a ler, fala-se do livro de *A menina da Ribeira* no próprio livro. E também cita Cervantes, mesmo como possível produtor de ascendência galega, nas suas obras. Reconhece este autor, que é o centro do cânone literário espanhol, como uma das suas influências centrais?

--Cervantes Saavedra, apelidos galegos, tem influído em muitos escritores sem eles saberem. Os primeiros livros que os alunos leem é o *Quijote*, mas no meu caso acho que não tem influído. Sim Eça de Queirós no *Primo Basílio* ou Miguel Torga com a *Vindima* e *Contos da montanha*.

-O tratamento que dá à personagem da menina da Ribeira é muito diferente a outras personagens femininas da sua anterior produção, como a de Colensa de *Seguindo o caminho do vento*, ponhamos por caso. É esta uma mudança muito significativa, a que a atribui?

--A Colensa faz parte de um romance e de uma ficção, *A menina da Ribeira* é uma pessoa real. Levamos mais de vinte anos casados.

-O professor Francesco Traficante põe em destaque num estudo que você foi o primeiro narrador em galego-português, com *O Sereno, um guerrilheiro em Estalinegrado*, editado em 1983 (2ª ed. em 1990). *A menina da Ribeira* é o seu oitavo título de narrativa: Como valoriza esta trajetória no campo literário galego nestes já quase 43 anos?

--Há uma realidade na Galiza, enquanto alguns vivemos para o galego, nosso idioma internacional, outros vivem do galego. Os autores que escrevemos em galego-português fazemo-lo em condições muito diferentes, não publicamos nas editoras do "regime", não gozamos das ajudas do governo galego nem dos meios oficiais. Eu estou feliz de ter atingido uma meta considerável, dada a situação do mundo editorial na nossa nação.

-Em *A menina da Ribeira* afirma-se que a língua galega na Galiza “continua viva e vai seguir por muitos milénios mais”: em que se sustenta esse otimismo, quando os dados espelham uma situação bem distinta, caminho da substituição linguística pela língua espanhola?

--Tenho esperança na mudança da gente jovem. Observo que nas cidades começa um pequeno movimento de “neo-falantes”. Quiçá tenhamos que olhar o drama para agir?

-Foi secretário, da seção de Escritores em Língua Galego-Portuguesa nas Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, como funcionou e que conseguiu com aquela experiência?

--Foi uma experiência grata, colaborar com o amigo José Luís Fontenla deu-me uma nova perspectiva, era uma pessoa otimista por natureza, as viagens a Portugal e o relacionamento com organizações portuguesas deu-me muita experiência e confiança no povo português.

-Desde a primeira metade da década de 1980-1990 pertenceu à AGAL e às Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, uma dupla militância que para muitas pessoas resultava incómoda e difícil, como a lembra agora?

--Eu sempre pensei que trabalhar pelo regeneracionismo do galego era positivo. Quiçá nunca me dei de baixa da AGAL porque em certo modo ajudei a criá-la, eu que sei...!

-Como valoriza a evolução do reintegracionismo após mais da metade da sua vida de dedicação a esta causa?

--Eu sou “reintegracionista” desde os treze anos por diversos motivos. Quando vinham os portugueses pela minha aldeia todo o mundo comprovava que o que falavam nós o entendíamos. Após aqueles anos de infância e o meu deslocamento a Madrid com treze anos, nos Salesianos de Atocha, coincidi com alguns estremenhos, espanhóis, a falarem português... Acho que é um movimento lento, mas seguro! Não há outra saída.

-Na década de 1970-1980 conhecemos trabalhos seus na imprensa galega e em Portugal onde publicamente defendeu as teses de Rodrigues Lapa. Lapa mesmo lhe respondeu, e cita o seu nome, num trabalho na revista *Tempo*. Que significa este vulto português para si e na sua trajetória?

--Em Madrid conheci muita gente relacionada com Portugal, mesmo portuguesa, a cada passo ia aprofundando mais o meu convencimento. Rodrigues Lapa foi um visionário, quando escrevi ao semanário *Tempo*, de Lisboa, eu ainda não tinha conhecimentos da língua bem escrita. Os conhecimentos vieram pela comunicação epistolar com Ricardo Coelho Iglésias, o português do Porto.

-Tem uma interessante experiência no jornalismo. Colaborou com *A Nosa Terra* e promoveu o projeto das publicações e a editora *Renovação*. Também deparamos com isso em *A menina da Ribeira*. Que significado lhe atribui ao jornalismo na sua produção?

--Eu, de não ter estudado ciências, teria estudado jornalismo. O jornalismo usei-o sempre para desabafar, recusar ideias de política rança. Morro aquele projeto de *Lóstrego*, uns quantos reintegracionista co-fundamos *Renovação-Embaixada Galega da Cultura*. E mais tarde *Renovação Edições*.

-Em *Renovação*, um projeto cultural que promoveu em Madrid, para além de figuras galegas bem conhecidas que atuavam na Galiza e na capital da Espanha, também contaram com a

participação de outras do exterior. Como chegaram, por exemplo, a Ernesto Guerra da Cal e como foi o contacto com ele?

--Com Guerra da Cal contactara, não lembro se fora Fontenla ou Estraviz.

-Do ponto de vista pessoal, cultural e mesmo literário: foi em Madrid onde encontrou o amor e a felicidade, apesar de ser uma cidade que não lhe resulta precisamente simpática, pelo que depõe dela.

--Certo, mas foram as pessoas galegas que lá moravam quem fizeram que eu me sentisse como em casa. De facto o oitenta por cento das horas passava-as a falar galego; nomeadamente, com o grande amigo meu, Isaac Alonso Estraviz, grande em todos os sentidos.

-Numa recente entrevista afirma que agora está a trabalhar numa nova narrativa, que diz respeito à presença de pessoas galegas na emigração de Cuba: como está a resultar a escrita de um tema tão aliciante e distante no tempo, que materiais está a utilizar?

--De momento estou a tomar notas, amigos cubanos, livros de história...

-É um dos 30 fundadores da Academia Galega da Língua Portuguesa, que iniciou o seu andamento no ano 2008, e nas páginas de *A menina da Ribeira* inclui académicos numerários como Isaac Alonso Estraviz, Crisanto Veiguela Martins ou José Manuel Barbosa: como foi a sua participação neste tempo na AGLP, viu cumpridas as suas expetativas e que espera desta instituição?

--Bom, falo dos mais conhecidos para mim, mas tenho que dizer que António Gil foi um professor importante para mim, assessor linguístico no *Seguindo o Caminho do Vento*. Mas os méritos maiores foram os de Ângelo Cristóvão, ele mexeu-se, objetividade, especificações, trabalhados incansavelmente para fundar este projeto que começa a dar frutos e vai dar muito mais.